

A revelação da ira de Deus e suas consequências aos pagãos em Romanos 1,18-32

The revelation of god's wrath and its consequences to the pagans in Romans 1:18-32

 Osmar Debatin¹

Submetido em 14/09/2023

Accito em 18/09/2023

RESUMO

Para destacar a gratuidade da ação misericordiosa de Deus à humanidade, Paulo em Rm 1,18-32 acentua que “todos pecaram” e por isso todos são merecedores “da ira de Deus”. Tanto os pagãos quanto os judeus. Para os pagãos, a negação de Deus se manifesta na característica principal, a qual é a idolatria, provocando consequências como relações sexuais inapropriadas e graves vícios. Todavia, esta atitude dos pagãos não é alheia ao esquecimento de Deus e dos membros da comunidade, sendo estes últimos, os que frequentemente os julgam e condenam. Para todos, independentemente de serem judeus ou pagãos, Deus os justifica pela fé em Cristo.

Palavras-chave: ira de Deus, pagãos, idolatria, relações inapropriadas, vícios.

ABSTRACT

To highlight the gratuity of God's merciful action towards humanity, Paul in Rom 1,18-32 emphasizes that “all have sinned” and therefore all are deserving “of the wrath of God”. Both pagans and Jews. For pagans, the denial of God manifests itself in the main characteristic, which is idolatry, causing consequences such as inappropriate sexual relations and serious addictions. However, this attitude of the pagans is not alien to the forgetfulness of God and the members of the community, the latter being the ones who often judge and condemn them. For everyone, regardless of whether they are Jews or Pagans, God justifies them by faith in Christ.

Keywords: wrath of God, pagans, idolatry, inappropriate relationships, addictions.

1 Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università S. Tommaso D'Aquino – Angelicum. Docente na Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
E-mail: peosmar@gmail.com

1. Introdução

O capítulo 1 da Carta aos Romanos, às vezes, foi utilizado e manipulado para justificar o fundamentalismo e o negacionismo de Deus, de modo que suas consequências afetaram grupos e legislações de regiões inteiras.

Para evitar esse negacionismo² de Deus é importante compreender todo o texto bíblico de Rm 1,18-32 no seu contexto e deixar, na medida do possível, que o próprio Paulo nos indique o sentido do seu discurso que pretendeu desenvolver nesta períclope.

Assim, este artigo quer num primeiro momento destacar a estrutura de 1,18-32 no contexto da Carta aos Romanos. Depois se acentuará a tese inicial da Carta aos Romanos (1,16-17) para, em seguida, apresentar-se o motivo da ira de Deus aos povos pagãos (1,18-23). Como consequência da idolatria “Deus os entregou” (1,24-25.26-27.28-32) não ao fundamentalismo e negacionismo, difundidos em muitos ambientes, mas a outros aspectos que serão desenvolvidos na última parte deste escrito.

Quer se destacar neste estudo que todos os seres humanos, sejam pagãos ou judeus, sem distinção, tem a possibilidade da condenação ou da salvação, de modo que a humanidade não pode viver sem o Evangelho ou negando Deus (Rm 7,7-25).

2. A estrutura de Rm 1,18-32

As Cartas Paulinas³ e Deuteropaulinas (Cl, Ef, 2Ts, 1 e 2Tm, Tt) normalmente iniciam esquematicamente do mesmo modo: menção aos remetentes, os destinatários, uma saudação (geralmente “graça e paz”) e uma ação de graças pela vida da comunidade onde se destacam brevemente os temas que serão desenvolvidos posteriormente na carta. A ausência da ação de graças na Carta aos Gálatas também é o motivo que aparecerá posteriormente nesta carta. Em seguida, aparece o corpo da carta, que está geralmente estruturada em duas partes, sendo a primeira doutrinal (teológica), seguida pela exortação (prática) para finalizar com as saudações a pessoas ou grupos especiais da comunidade e de alguns que estavam na companhia do Apóstolo (Hawthorne; Martin; Reid, 2008, p. 1043-1044). Assim, a unidade principal se encontra no corpo do texto de cada carta.

2 Segundo a revista *Ultimato*, ao explicitar esse negacionismo destaca: “Há aqueles que vivem em uma realidade criada por Deus, ordenada por ele nos mínimos detalhes, que depende ontologicamente dele para subsistir. Contudo, recusam-se a acreditar que Deus existe. O apóstolo Paulo diz: ‘O que se pode conhecer a respeito de Deus é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, isto é, o seu eterno poder e a sua divindade, claramente se reconhecem, desde a criação do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que Deus fez. Por isso, os seres humanos são indesculpáveis. Porque, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, e o coração insensato deles se obscureceu’ (Rm 1,19-21, NAA)” (Bastos, 2022, p. 46).

3 É de consenso que as Cartas autênticas de Paulo são: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon.

No caso da Carta aos Romanos, segundo Pitta:

[...] a seção introdutória se compõe de três partes: o pré-escrito (v. 1-7), os agradecimentos protocolares (v. 8-15) e a tese geral (v. 16-17). Os termos principais que perpassam as três partes são *euanghélion* (v. 2.9.16) e *pístis* ou fé (v. 5.8.12.16.17). O pré-escrito contém os três elementos fundamentais que se destacam em todas as cartas paulinas: a *titulatio* sobre o emitente (Paulo), a *adscriptio* sobre os destinatários (“A todos os amados de Deus, que estais em Roma”, v. 7) e a *salutatio* (“graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”, v. 7b) (Pitta, 2019, p. 200).

A perícope de Rm 1,18-32 se encontra no contexto maior da revelação da ira e da justiça divina (1,18-4,25). Nesta primeira demonstração de 1,18-4,25, Paulo parte da revelação da ira divina em 1,18-3,20 para chegar à gratuidade da justiça em Cristo sustentada em 3,21-4,25. O Apóstolo com isso quer fechar qualquer alternativa de orgulho para acentuar o único “orgulho” possível através da fé em Cristo. Logo, a razão principal pela qual Paulo parte da ira divina (1,18-32) consiste em chegar à justiça ou justificação em Cristo (3,21-4,25) (Barbaglio, 2009, p. 150-152).

Como destacado acima, em Rm 1,18-32, todos os seres humanos estão sob acusação por suas ações, exemplificadas pela lista de vícios de Rm 1,25-31. Aqui vale ressaltar que os destinatários da ira divina são todos os seres humanos e não apenas os pagãos, que não são mencionados. Nesta perícope (1,18-32), de um lado há Deus que entrega os seres humanos a toda forma de culpa (1,24.26.28) e de outro, há os seres humanos sob acusação (Dunn, 2003, p. 127). No início da perícope tem-se a revelação da ira divina contra todos aqueles que tentam sufocar a verdade na injustiça (1,18). Por isso, as atitudes seguintes representam as consequências e não as causas do conflito entre Deus e os seres humanos. Na conclusão do discurso (1,32), no qual são alvos aqueles que, mesmo conhecendo o juízo divino, aprovam o mal cometido, se avalia as ações humanas não na perspectiva da moralidade objetiva, mas na ótica do orgulho humano que confundiu o Criador com a criatura (1,25).

3. A tese geral de Rm 1,16-17

No contexto da Carta aos Romanos, os vv. 1,16-17 são o tema central desta carta. “Paulo evidentemente enuncia aqui o tema doutrinário da carta” (Barbaglio, 2009, p. 143):

Na verdade, eu não me envergonho do evangelho: ele é a força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego. Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: *O justo viverá da fé* (Rm 1,16-17)⁴.

Em seguida a estes versículos introdutórios, o Apóstolo concluirá de forma contundente que Deus tem todos os motivos para estar “irado” com os pagãos e também

4 As citações são da Bíblia de Jerusalém (1985).

com os judeus, pois “todos pecaram” (3,23; 5,12) (Aletti, 2005, p. 40-41). Todavia, a misericórdia, traduzida como justiça de Deus, não desembocou a sua cólera sobre “todos”, mas acontece como “força... para a salvação” de “todos os que creem”. A isso Paulo chama de “justificação” (3,22).

Assim, no corpo da carta, encontra-se duas partes iniciais: todos os pagãos pecaram, mas todos os judeus também cometeram um delito. Contudo, isso para o Apóstolo Paulo, é o ponto de partida para posteriormente evidenciar o amor de Deus sobre os judeus e os pagãos. Ou seja, não é o pecado que tem um peso relevante, mas a graça de Deus; não se trata, portanto, de um mérito, mas de um dom.

Ver-se-á esquematicamente ambas as unidades para depois, se deter na primeira, que é a comentada neste artigo:

- a) “Em primeiro lugar do judeu, mas também do grego” (1,16; 2,10). Aqui se quer destacar a universalidade dos beneficiários da ação de Deus, já afirmada um pouco antes: “... de todo aquele que crê”. A salvação não é monopólio dos circuncisos (Barbaglio, 2009, p. 144). Logo essa unidade fica demarcada pela repetição das palavras: cólera, injustiça e verdade (1,18; 2,8).
- b) “Todos aqueles que pecaram sem Lei” (2,12; 3, 19) onde se destaca a importância da Lei (2,12-24); o destaque da circuncisão (2,25-29) e a pergunta: “Que vantagem há então em ser judeu?” (3,1-18).

Em 3,21 o texto bíblico marca um novo começo: “agora, porém, independentemente da Lei” destacando a fé no centro, apesar do fato de que “todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (3,23). A frase “todos pecaram” na primeira parte, destaca o pecado que é a idolatria e que tem consequências... para a mentalidade e o ambiente cultural paulino.

Desta forma, a unidade faz parte de um longo discurso sobre o pecado de “todos” que prepara a centralidade da misericórdia e a graça (= justificação) de Deus também sobre “todos” os que creem (3,21-4,25). Em seguida, o texto mostrará as consequências benéficas para todos os crentes (caps. 5-8).

Logo, o que é fundamental não é, então, dado pelo pecado, mas pela justificação. Paulo, não se baseia no mérito ou demérito do ser humano, mas na graça de Deus (Dunn, 2003, p. 128).

4. O motivo da ira de Deus (Rm 1,18-23)

A perícopé inicia apontando a “ira de Deus”, imagem rara no Novo Testamento, mas empregada em Rm (além daqui, apenas em 1Ts 5,9 se usa este termo, destacando que Deus não nos destinou para a ira). Essa imagem está vinculada a um contexto jurídico (2,5; 3,5; 9,22 e pode se manifestar na ação violenta das autoridades), por isso, é “revelada” do céu⁵. Neste contexto, a “ira de Deus” se manifesta contra a “impiedade” e contra a “injustiça”. Esta última em Paulo é um termo frequente em suas

5 Segundo a nota “p” da Bíblia de Jerusalém, “Já no AT a ira de Deus (Nm 11, 1) era contraposta à sua justiça (Mq 7,9; Sl 85,5-12). Também aqui ela é ainda provocada pelo pecado (2,5-8; 4,15; 9,22; Ef 5,6; Cl 3,6; 1Ts 2,16; Jo 3,36), de modo que Cristo livra dela aqueles que nele creem e que Deus justifica (5,9; 1Ts 1,10; 5,9) (Bíblia de Jerusalém, 1985).

cartas. Ele rejeita claramente a afirmação de Deus que é “injusto” por descarregar sua justa “ira” sobre nós (3,5; 9,14). Enquanto a injustiça humana se inclui na lista dos aspectos negativos da comunidade (1Cor 13,6; Rm 1,29; 2,8) ela então não é apenas paralela à impiedade, mas está intimamente ligada à verdade. O termo que se traduz por “ligada”, nem sempre comporta um aspecto negativo (como em Rm 7,6), mas num sentido que indica alguma coisa que se afirma positivamente, como a tradição (1Cor 11,2; 15,2). Assim, pode-se entender, então, como a justiça está vinculada à verdade. Nota-se que, biblicamente, a verdade é encontrada “no campo semântico da fé” (Pulcinelli, 2014, p. 46).

Posteriormente, na perícopie, Paulo destaca o que pode ser conhecido e o que foi ignorado. Ele aponta que os seres humanos, aqueles que se apropriaram da verdade (*aletheia*), tiveram a oportunidade de conhecer a Deus, assim como Ele se manifestou, mas permaneceram do lado de fora, não O conhecendo e não lhe dando “glória” (1,21). Esta é a razão da “ira”, da injustiça que se apropriou da verdade (1,18). Logo, tem-se aqui um claro contraste entre a verdade (*aletheia*) e a injustiça (*adikia*) (Rusconi, 2013, p. 16).

Parece que o conceito paulino se inspira no texto de Sabedoria 13,1-8. Em tal perícopie, do mesmo modo que nesta de Rm 1,18-23, são destacados uma série de contrastes: conheceram a Deus, mas não o glorificaram como Deus (Sb 13,1 e Rm 1,20); se perderam nos debates (Sb 13,6 e Rm 1,21); seu coração tolo foi escurecido (Sb 13,4 e Rm 1,21) e trocaram a imagem do Deus incorruptível pela representação de um homem corruptível (Sb 13,3 e Rm 1,22).

Eles “conheceram”, mas seus raciocínios foram obscurecidos pelos debates; seu coração, ou seja, a sede das decisões mais profundas se confundiu. A consciência deles é dura, pois se diziam sábios sobre si mesmos, mas tornaram-se tolos (o tolo é o oposto do sábio em 1Cor 1,17-25). O absurdo reside no fato de que a glória que eles deveriam ter concedida a Deus foi dada a uma “representação” (imagem) humana ou animal (1,23). Assim, trocar o incorruptível pelo corruptível é a expressão evidente da insensatez, pois confundiram o Criador com as criaturas. Convém perceber, a título de diferença, que enquanto o livro da Sabedoria 13 afirma que os criados que se divinizaram são fenômenos naturais (fogo, vento...), Paulo alude às criaturas físicas, sobretudo, humanas (talvez o imperador romano? A divinização de César?) (Sacchi, 2012, p. 172-174). Neste sentido, aqui reside, portanto, o pecado dos pagãos: na tolice de não reconhecer Deus que se manifesta nas obras da Criação. Aludindo à idolatria do deserto (Ex 32, portanto, não se trata apenas dos pagãos), o salmista afirma que “trocaram a sua glória pela semelhança de um boi que come erva” (Sl 106,20; Rm 1,23) e Paulo citando este salmo, substituiu-o por εἰκόνας (= imagem), reforçando assim a idolatria (Légasse, 2004, p. 89) e talvez também aludindo ao ser humano criado “à imagem de Deus” (Gn 1, 26).

Assim, é importante destacar-se que Paulo está escrevendo aos romanos, mas por enquanto, não é a eles que se refere. A indicação de “eles”, diz respeito aos seres humanos que se apropriam indevidamente da verdade, que se julgam sábios e, na verdade, são tolos. Somente em 2,1 Paulo se dirigirá aos romanos (“tu”). De fato, começa referindo-se aos pagãos (“eles”) que “não creem” (em Cristo) e por isso, a idolatria, como negação de Deus é a chave de interpretação desta unidade: “a idolatria como figura da rejeição do conhecimento de Deus e perversão da verdade de Deus” (Wilckens, 1989, p. 140).

5. As consequências da idolatria: “Deus os entregou” (1,24-25.26-27.28-32)

Como consequência da tolice, do seu desrespeito a Deus, Ele “os entregou”, ou seja, Ele os desrespeitou. No português, o verbo “entregar” pode ter um sentido diferente dependendo do contexto: Judas “entregou” Jesus (Mc 14,41), os patrões “o entregaram” (Lc 24,20), mas também o Pai “entregou o seu Filho” (Rm 8,32) e o próprio Jesus “entregou-se a si mesmo” (Gl 2,20). Até Paulo “entregou” a mensagem do Evangelho (1Cor 11,2,23; 15,3). Na perícopa, o sentido negativo, neste caso, é dado pelo objeto: “o desejo dos seus corações” (1,24); às “paixões aviltantes” (1,26) e “à sua mente incapaz de julgar” (1,28). Se estas são as características que conduzem os comportamentos, certamente nada de bom se deve esperar. Ele os “entregou” refere-se aqui à degradação moral, com uma perspectiva teológica, mas não exclui a concepção educacional (Pulcinelli, 2014, p. 48-49).

Essas três expressões acima provavelmente devem ser entendidas no mesmo sentido. De fato, a primeira retoma o afirmado acima e aponta que por isso, (porque o desejo dos seus corações os conduziu), “eles trocaram a verdade de Deus pela mentira”, ou seja, eles adoraram a si mesmos, servindo as criaturas (os ídolos) em vez do Criador (1,25). Todavia, isso é “até” uma impureza que desonrou seus próprios corpos (1,24). A segunda expressão mais usada para destacar relações sexuais inapropriadas, conclui com a estranha frase: “... recebendo em si mesmos a paga da sua aberração” (1,27). Já a terceira, a mais detalhada, apresenta um extenso “catálogo de vícios” (1,29-31) e a sentença, neste caso, é contundente: “Apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam” (1,32).

Neste sentido, se descreverá brevemente cada uma dessas três “entregas” para compreender-se o que Paulo queria afirmar.

1. A primeira “entrega” é “aos desejos dos seus corações” (1,24-25). O coração na Bíblia é a esfera das decisões (Vigini, 2016, p. 211). Aqui trata-se então de decisões tomadas não depois de um necessário “discernimento”, mas instintivamente. Quando os instintos são seguidos, o pecado “reina” (Rm 6,12; 7,7,8; 1Ts 4,5). É o oposto de deixar-se conduzir por Cristo (Rm 13,14; Gl 5,24) ou pelo Espírito de Deus (Gl 5,16), embora às vezes, pode ser de um simples desejo (1Ts 2,17; Fl 1,23).

Não é tão claro o que Paulo quer dizer com a impureza com que eles desonram seus corpos. A impureza é a negação da pureza, isto é, da santidade (1Ts 4,7). No catálogo de vícios de Gl 5,19-21, a impureza está ao lado da fornicação e da licenciosidade (Gl 5,19), e os mesmos três se encontram em 2Cor 12,21, que se leva a entendê-la em sinônimo de relações sexuais inapropriadas (Dunn, 2003, p. 128). A desgraça, ao contrário, se encontra novamente em Rm 2,23 onde o judeu, violando a Lei, “desonra” a Deus. Logo, o que é desonrado aqui são os corpos devido à impureza. Assim, a referência a corpos, instintos e impurezas convida a um possível entendimento de cunho sexual. Todavia, imediatamente sem mudar de assunto, Paulo refere-se ao fato de que eles “trocaram a verdade de Deus pela mentira” (1,23: “trocaram a glória”) e “adoraram e serviram a criatura em vez do Criador”. O contexto leva a pensar que se refere ao culto: “adoraram e serviram a criatura”. A eventual desordem, então, é dada pela idolatria e no profeta Oseias, a idolatria é comparada à prostituição (Os 1,2;

4,12; 5,4); neste caso, ao invés, os ídolos são as “mentiras” ou a negação de Deus (Is 44, 20; Jr 10, 14).

2. A segunda “entrega” às paixões aviltantes (1,26-27), caracteriza-se por uma nova “mudança” (1,23), pois, abandonou-se uma relação “natural” (1, 26,27), “por relações contra a natureza” (1,26). As paixões muitas vezes, contrastam com a devida religiosidade, ou seja, “à deturpação religiosa segue-se à deturpação também da vida sexual” (Penna, 2004, p. 193). A consequência deste fato “contra a natureza” é um pagamento (2Cor 6,13) merecido como retribuição (Gl 4, 5) ou recompensa (2Cor 6, 13) recebendo o que é adequado (Lc 6,34; 15,27). Neste caso, refere-se a um pagamento merecido pelo “erro” ou engano cometido (1Ts 2,3), mas este estipêndio devido ocorre “em si”, sem especificar a que se refere. Também não está explícito se, com esse pagamento, Paulo se refere a ambos os gêneros. Por isso é interessante notar que se diz que as paixões são desonrosas, mas não se fala dos seus atos.

Contudo, é importante frisar mais uma vez que toda a unidade deve ser interpretada em termos de “ídolos” (Barbaglio, 2009, p. 156), e, neste caso, Paulo não indica nada, ao contrário, no catálogo de vícios que se segue (1, 29-31), supõe a morte por muitas coisas que as Escrituras não supunham... De qualquer forma, deve-se notar que não parece sensato afirmar que Paulo “condene” esses atos aqui. O Apóstolo condena, se o termo convém, a idolatria (e precisamente “condena o julgamento” [2,1]). Além disso, é evidente que o que é mencionado aqui e mesmo o que ele dirá nos próximos versículos (1, 28-32), é consequência da “entrega” de Deus, não o motivo ou a causa. Deus não os “livra” por causa de atos sexuais inapropriados, mas atos não apropriados são consequência da entrega divina. Ou seja, a decadência moral é fruto espontâneo da idolatria (Vigini, 2016, p. 363-364), é um efeito, não uma causa (Dunn, 2003, p. 129).

3. A terceira “entrega” (1, 28-32) é a mais longa, e Paulo destacará que por causa “da sua mente incapaz de julgar”, fizeram o que não “convém”, o que não é bom fazer (Sir 10,23). Mas para insistir em seu ponto de partida, o Apóstolo repete que isso acontece porque eles não guardaram “o verdadeiro conhecimento de Deus”. Todo o acento, como se vê, é colocado no “conhecimento” (ou não) de Deus, por isso, continua-se no campo da idolatria e suas consequências. Em 2Cor 10,4 se destaca claramente, contra a arrogância e a jactância, a estreita relação entre o “conhecimento de Deus” e a “obediência de Cristo”. Em 1,19 Paulo aponta que as criaturas manifestam o Criador e permitem-nos, assim, conhecê-lo, algo que “eles” não fizeram (1,22), porque “o mundo na sua sabedoria não conheceu a Deus na sua sabedoria, quis pela loucura da pregação salvar os crentes” (1Cor 1,21). É essa tolice, essa ignorância, que os leva a fazer a coisa errada... e então Paulo recorre a um “catálogo de vícios”. Esta lista termina com a dura frase: “Apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam” (1,32).

Já os catálogos de vícios são listas de coisas que se destinam a ser memorizadas pelos destinatários (Pulcinelli, 2014, p. 49). No Novo Testamento encontra-se catálogos domésticos, lista da vida esperada dos ministros, catálogos de méritos e também catálogos de vícios, como neste texto (1, 29-31). Nesses catálogos de vícios, costuma-se alertar para aquilo que os editores observam no ambiente e qualificam negativamente. De fato, os catálogos são um gênero literário, comum na antiguidade

(no Oriente Médio, no mundo greco-romano, no judaísmo tardio e no cristianismo) (Fitzgerald, 1992, p. 857-859). Certamente alguns são mencionados (não é uma lista de todos os vícios), e não se pode ignorar que é também um catálogo claramente cultural.

Em Rm 1,29-31, Paulo menciona 21 vícios. O primeiro, do qual, além disso, ele aponta que eles são “cheios” e de “todos” é a injustiça (lembra-se que na tese inicial, Paulo afirma que “o justo viverá pela fé” [1,17]), enquanto ele alude à “injustiça” dos não-crentes (1,18). O termo não é muito comum em Paulo e, fora da carta aos Romanos, encontra-se apenas em 1Cor 13,6: o amor “não se alegra com a injustiça” e numa ironia de Paulo pedindo perdão à comunidade pela “injustiça” com os coríntios por não lhes terem pedido dinheiro (2Cor 12,13). Aqui em Rm, sabe-se que a injustiça aprisiona a verdade (1,18), em 2, 8 é o oposto da verdade; em 3,5 ele enfatiza que, embora sejamos injustos, isso destaca a justiça (= misericórdia) de Deus; em 6,13 é sinônimo de pecado e em 9,14 ele nega enfaticamente que haja injustiça em Deus. Assim, a injustiça então, é um termo que se refere a um relacionamento com Deus e com os outros. Do ponto de vista da idolatria, parece que, aqui, ela deva ser entendida fundamentalmente em sentido religioso e conforme é mencionada em primeiro lugar, de certa forma, é a chave para a interpretação dos demais vícios. A longa lista de vícios, em geral, refere-se especialmente às relações com terceiros, e não com Deus.

Logo, é preciso acrescentar que, desses 21 vícios, apenas 2 deles são indicados na Torá em relação à pena de morte como sentença de Deus (os que praticam o mal, que certamente é genérico, em Ex 22,22, e os desobedientes aos pais, em Dt 21,18) e deve-se acrescentar uma terceira, a difamação, da qual se indica a sua proibição, mas sem indicar uma pena (Lv 19,16). Certamente trata-se de vícios, muito deles frequentes na literatura sapiencial, mas que não se expressa – exceto nos indicados – a morte como pena para quem os comete. Portanto, a frase final “apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações...” (1,32) não é precisa nem exata nesses casos. O tema nos remete, mais uma vez, provavelmente, mais ao cotidiano do que à Lei de Israel como origem da perícopos ou como fonte do texto paulino estudado. Em síntese, como afirma Barbaglio (2009, p. 157): “o mundo idólatrico toca o fundo do poço com a perda do senso moral (v. 32)”.

6. Considerações finais

Evidenciou-se no comentário acerca da perícopos de Rm 1,18-32 que a mesma se articula em duas partes: os vv. 18-23 que apresenta o tema do juízo de condenação que recai sobre os pagãos, culpados de manter “a verdade prisioneira da injustiça” e de viver na idolatria, sendo esta última a causa das consequências na vida dos pagãos. Já os vv. 24-32 evidenciam as terríveis consequências desse desvio religioso, seja na vida sexual, como no cotidiano da vida dos fiéis, através do catálogo dos vícios. A análise do texto foi completada por uma avaliação crítica da condenação que Paulo faz do mundo do paganismo.

Iniciou-se destacando que o juízo da ira de Deus tem sua origem no céu: “do alto do céu”, ou seja, vem de Deus. Assim, o importante é a determinação do seu alvo. Ele atinge “todos os homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça”. De fato,

aqui se põe na berlinda os idólatras, denunciando sua rejeição prática do único Deus, pois conheceram-No, mas não O reconheceram. Seu pecado ou negação, consiste no aprisionamento dessa verdade consequente. Ou seja, eles converteram suas atitudes de efetivo desconhecimento de Deus (= impiedade e injustiça), sendo que o juízo divino da ira de Deus nada mais é que a resposta ao intencional “não” por parte do ser humano.

Depois, destacou-se o tríplice “Por isso Deus os entregou”, dos vv. 24.26-28 que engloba o conjunto dos vv. 24-32. Aqui evidenciou-se as consequências da rejeição do Criador e da queda na idolatria. O juízo divino não consiste na aplicação de uma pena exterior ou de um castigo punitivo qualquer, mas sim, no abandono do ser humano ao dinamismo de um processo escolhido por ele próprio, que levará à destruição total de seu ser, o ponto de chegada do desvio inicial. Assim com a fórmula “Por isso Deus os entregou” é esclarecida no mesmo versículo 1,24: “segundo o desejo de seus corações” e no texto 1,27: “receberam em si mesmos a paga da sua aberração”.

Concretamente, trata-se da impureza, de paixões desonrosas (1,26), de insensatez (1,28) que se aplica sublinhando a ruína da corporeidade, causada por relações sexuais inapropriadas. Contudo, o sexual não é o único âmbito da idolatria-tipo. Por isso, segue-se uma longa lista de vícios que amplia o horizonte para os vários relacionamentos que ligam as pessoas na vida social (1,29-31). Enfim, nota-se que este catálogo dos vícios não está a serviço da exortação endereçada aos fiéis para que se mantenham longe do mal, pois ele não é causa, mas consequência da negação de Deus. Por isso, ele faz parte do discurso acusatório de Paulo contra o mundo pagão.

Em resumo, a negação de Deus ou idolatria tem como consequências que o ser humano perde: a condição criatural que o leva a reconhecer o Criador; a polaridade sexual que se completa no encontro homem-mulher; o sujeito social que age sob a marca de uma efetiva solidariedade e finalmente, como consciência que esclarecida distingue o bem do mal.

Referências

- ALETTI, Jean-Noël. Juicio de Dios en Rm 1-3. Los pro y los contra del problema y propuesta de interpretación. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 32, n. 77, p. 25-42, 2005.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo II*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BASTOS, Davi. Negacionismo Teológico. *Ultimato*, Viçosa, v. 7, n. 396, p. 45-47, 2022. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/negacionismo-teologico#:~:text=Similarmente%2C%20um%20outro%20mal%20nos, a%20acreditar%20que%20Deus%20existe>. Acesso em: 4 set. 2024.
- BÍBLIA de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- DUNN, James D. G. *A Teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FITZGERALD, John Thomas. Virtue/vice lists. In: FREEDMAN, David Noel (ed.). *Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. 6, p. 857-859.
- HAWTHORNE, Gerald E.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (org.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.

LÉGASSE, Simon. *L'epistola di Paolo ai romani*. Brescia: Queriniana 2004.

PENNA, Romano. *Lettera ai Romani: I Rm 1-5*. Introduzione, versione, commento. Bologna: EDB 2004.

PITTA, Antonio. *Cartas Paulinas*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PULCINELLI, Giuseppe. *Lettera ai Romani*. Introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2014.

RUSCONI, Carlo. *Vocabolario del greco del Nuovo Testamento*. 3. ed. Bologna: EDB, 2013.

SACCHI, Alessandro. *Lettere Paoline e Altre Lettere*. 3. ed., Torino: Elledici, 2012.

VIGINI, Giuliano. Cuore, idolatria. In: VIGINI, Giuliano (org.). *Dizionario della Bibbia: 500 voci per capire, interpretare e meditare le scritture*. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2016. p. 211-212, 362-363.

WILCKENS, Ulrich. *La carta a los Romanos: Rom 1-5*. Vol. I. Salamanca: Sígueme, 1989.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
* 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica